



4.º COLÓQUIO DE ARQUEOLOGIA DO ALQUEVA

O Plano de Rega (2002-2010)

FICHA TÉCNICA

MEMÓRIAS d'ODIANA - 2.ª Série

TÍTULO

4.º COLÓQUIO DE ARQUEOLOGIA DO ALQUEVA
O Plano de Rega (2002 – 2010)

EDIÇÃO

EDIA - Empresa de desenvolvimento
e infra-estruturas do Alqueva
DRCALEN - Direcção Regional
de Cultura do Alentejo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

António Carlos Silva
Frederico Tátá Regala
Miguel Martinho

DESIGN GRÁFICO

Luisa Castelo dos Reis / VMCdesign

PRODUÇÃO GRÁFICA,
IMPRESSÃO E ACABAMENTO
VMCdesign / Ligação Visual

TIRAGEM

500 exemplares

ISBN

978-989-98805-7-3

DEPÓSITO LEGAL

356 090/13

FINANCIAMENTO

EDIA - Empresa de desenvolvimento
e infra-estruturas do Alqueva
INALENTEJO

QREN - Quadro de Referência Estratégico
Nacional

FEDER - Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

Évora, 2014

ÍNDICE

- 9 INTRODUÇÃO
- 11 PROGRAMA
- 15 LISTAGEM DOS PÓSTERES APRESENTADOS
- 17 CONFERÊNCIAS
- 19 *“Alqueva – Quatro Encontros de Arqueologia depois...”*. António Carlos Silva
- 34 *“O património cultural no Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva: caracterizar, avaliar, minimizar, valorizar ...”*. Miguel Martinho
- 45 *“O Acompanhamento no terreno do Projecto EFMA na área da Extensão de Castro Verde do IGESPAR”*. Samuel Melro, Manuela de Deus
- 53 **COMUNICAÇÕES**
- 55 *“Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa)”*. António Carlos Valera, Ricardo Godinho, Ever Calvo, F. Javier Moro Berraquero, Victor Filipe e Helena Santos
- 74 *“Intervenção arqueológica em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (2008-2010): resultados preliminares e programa de estudos”*. Raquel Santos, Paulo Rebelo, Nuno Neto, Ana Vieira, João Rebuje, Filipa Rodrigues, António Faustino Carvalho
- 83 *“Contextos funerários na periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2”*. António Carlos Valera, Helena Santos, Margarida Figueiredo e Raquel Granja
- 96 *“Intervenção Arqueológica no sítio de Alto de Brinches 3 (Reservatório Serpa – Norte): Resultados Preliminares”*. Catarina Alves, Susana Estrela, Eduardo Porfírio, Miguel Serra
- 103 *“Caracterização preliminar da ocupação pré-histórica da Torre Velha 3 (Barragem da Laje, Serpa)”*. Catarina Alves, Catarina Costeira, Susana Estrela, Eduardo Porfírio, Miguel Serra, António M. Monge Soares, Marta Moreno-Garcia
- 112 *“Questões e problemas suscitados pela intervenção no Casarão da Mesquita 4 (S. Manços, Évora): da análise intra-sítio à integração e comparação regional”*. Susana Nunes, Miguel Almeida, Maria Teresa Ferreira, Lília Basílio
- 119 *“Um habitat em fossas da Idade do Ferro em Casa Branca 11, na freguesia de Santa Maria, concelho de Serpa”*. Susana Rodrigues Cosme
- 125 *“Poço da Gontinha 1 (Ferreira do Alentejo): resultados preliminares”*. Margarida Figueiredo
- 132 *“Currais 5 (S. Manços, Évora): diacronia e diversidade no registo arqueostratigráfico”*. Susana Nunes, Mónica Corga, Miguel Almeida, Lília Basílio

- 137 *“A villa romana do Monte da Salsa (Brinches, Serpa): uma aproximação à sua sequência ocupacional”*. Javier Larrazabal Galarza
- 145 *“Dados para a compreensão da diacronia e diversidade do registo arqueológico na villa romana de Santa Maria”*. Mónica Corga, Maria João Neves, Gina Dias, Catarina Mendes
- 155 *“A pars rústica da villa da Insuínha 2, freguesia de Pedrógão, concelho da Vidigueira”*. Susana Rodrigues Cosme
- 162 *“A villa da Herdade dos Alfares (São Matias, Beja) no contexto do povoamento romano rural do interior Alentejano”*. Mónica Corga, Miguel Almeida, Gina Dias, Catarina Mendes
- 171 *“A necrópole de incineração romana da Herdade do Vale 6, freguesia e concelho de Cuba”*. Susana Rodrigues Cosme
- 178 *“Necrópole romana do Monte do Outeiro (Cuba)”*. Helena Barranhão
- 185 *“O conjunto sepulcral do Monte da Loja (Serpa, Beja)”*. Sónia Cravo e Marina Lourenço
- 191 *“O sítio de São Faraústo na transição da Época Romana para o Período Alto-Medieval, freguesia de Oriola, concelho de Portel”*. Susana Rodrigues Cosme
- 197 *“O sítio romano da Torre Velha 1. Trabalhos de 2008-09 (Barragem da Laje, Serpa)”*. Adriaan De Man, Eduardo Porfírio, Miguel Serra
- 203 *“Análise preliminar dos contextos da Antiguidade Tardia do sítio Torre Velha 3 (Barragem da Laje - Serpa)”*. Catarina Alves, Catarina Costeira, Susana Estrela, Eduardo Porfírio, Miguel Serra
- 212 *“A Necrópole de São Matias, freguesia de São Matias, concelho de Beja”*. Susana Rodrigues Cosme
- 219 *“Xançra II (Cuba, Beja): resultados preliminares da necrópole islâmica”*. Sandra Brazuna, Ricardo Godinho
- 225 *“Funchais 6 (Beringel, Beja) – resultados preliminares”*. Manuela Dias Coelho, Sandra Brazuna
- 231 **PÓSTERES**
- 233 *“Primeiros resultados da intervenção arqueológica no sítio Torre Velha 7 (Barragem da Laje - Serpa)”*. Adriaan De Man, André Gregório, Eduardo Porfírio, Miguel Serra
- 237 *“A Torre Velha 3 (Serpa) no espaço geográfico. Uma abordagem morfológica de um “sítio” arqueológico”*. Miguel Costa, Eduardo Porfírio, Miguel Serra
- 242 *“O contributo da Antropologia para o conhecimento das práticas funerárias pré e proto-históricas do sítio de Monte da Cabida 3 (São Manços, Évora)”*. Maria Teresa Ferreira
- 246 *“Villa Romana da Mesquita do Morgado (S. Manços, Évora): considerações acerca das práticas funerárias”*. Maria Teresa Ferreira

- 250 “*Monte da Palheta (Cuba, Beja): dados para a caracterização arqueológica e integração do sítio à escala regional*”. Mónica Corga, Gina Dias
- 256 “*Aldeia do Grilo (Serpa): contributos para o estudo do povoamento romano na margem esquerda do Guadiana*”. Carlos Ferreira, Mónica Corga, Gina Dias, Catarina Mendes
- 261 “*Resultados preliminares de uma intervenção realizada no sítio Parreirinha 4 (Serpa)*”. Carlos Ferreira, Susana Nunes, Lília Basílio
- 267 “*Depósitos cinerários em Alpendres de Lagares 3*”. Maria Teresa Ferreira, Mónica Corga, Marta Furtado
- 271 “*Workshop Dryas’09: Estruturas negativas da Pré e Proto-história peninsulares – estado actual dos nossos conhecimentos... e interrogações*”. Miguel Almeida, Susana Nunes, Maria João Neves, Maria Teresa Ferreira
- 276 “*Intervenção arqueológica na Horta dos Quarteirões 1, Brinches, Serpa*”. Helena Santos
- 280 “*A Intervenção Arqueológica no Monte das Covas 3 (S. Matias, Beja): Os contextos romanos de época republicana*”. Lúcia Miguel
- 284 “*O Sítio do Neolítico antigo da Malhada da Orada 2 (Serpa): resultados preliminares*”. Ângela Guilherme Ferreira
- 289 “*Intervenção arqueológica nas necrópoles do Monte da Pecena 1 e Cabida da Raposa 2*”. Andrea Martins, Gonçalo Lopes, Marisa Cardoso

“CARACTERIZAÇÃO PRELIMINAR DA OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DA TORRE VELHA 3 (BARRAGEM DA LAJE, SERPA)”.

CATARINA ALVES⁵⁰, CATARINA COSTEIRA⁵¹, SUSANA ESTRELA⁵²,
EDUARDO PORFÍRIO⁵³, MIGUEL SERRA⁵⁴, ANTÓNIO M. MONGE SOARES⁵⁵,
MARTA MORENO-GARCIA⁵⁶

Resumo

O sítio Torre Velha 3 foi intervencionado pela *Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural Lda.* no âmbito do projecto de *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*, da responsabilidade da *EDIA, SA.* ocupação pré-histórica caracteriza-se por um reduzido número de contextos de cronologia Calcolítica. À Idade do Bronze corresponde um conjunto mais vasto de estruturas negativas, algumas denunciam a prática de actividades de cariz doméstico. O mundo funerário caracteriza-se pela realização de inumações em fossas. Destaca-se o conjunto de 25 hipogeus cujo espólio, rituais sepulcrais e características arquitectónicas permitem abordar de um modo diferente o mundo da morte do Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana.

Abstract

The archaeological excavation of Torre Velha 3 was recently carried out by *Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural Lda.* under the project *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*, responsibility of the *EDIA, SA.* The prehistoric occupation of this site is characterized by a small number of contexts from the Chalcolithic period. The Bronze Age period is characterized by sepulchral and habitation contexts. The most significant funerary contexts consists in a set of 25 hypogea, whose burial rituals and architectural morphology, contributes to reveal a different approach, in the study of funerary practices of the Southwestern Bronze, on the left bank of the Guadiana.

Introdução

O sítio arqueológico de Torre Velha 3 foi intervencionado no âmbito do projecto de *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*, integrado no Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, a cargo da *EDIA, SA.* Os trabalhos decorreram em duas fases, uma primeira de diagnóstico e uma segunda em área sob a responsabilidade da empresa *Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda.*, que contou com a colaboração da empresa *Styx, Lda.* A escavação foi realizada após a decapagem para a remoção de toda a cobertura vegetal, que esteve a cargo da empresa *Empatia Lda.*, responsável, igualmente, pelo acompanhamento arqueológico da obra.

O sítio arqueológico localiza-se na freguesia de São Salvador, concelho de Serpa e distrito de Beja e implanta-se numa elevação suave, a uma cota máxima de 180.70 metros, ligeiramente mais acentuada pelos lados Norte e Oeste (Figura 1).

Este tipo de relevo é característico da peneplanície que é a unidade fundamental do relevo alentejano (FEIO, 1992: 11). A homogeneidade da paisagem é interrompida apenas pelo vale encaixado do Rio Guadiana e por alguns

⁵⁰ UNIARQ

⁵¹ UNIARQ

⁵² Independent Researcher

⁵³ Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda. Apartado 4078, 3031 – 901 Coimbra. geral@palimpsesto.pt

⁵⁴ Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda.

⁵⁵ Campus Tecnológico e Nuclear, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Estrada Nacional 10 (km 139,7), 2695-066 Bobadela LRS, Portugal (amsoares@ctn.ist.utl.pt).

⁵⁶ Instituto de Historia, CCHS, CSIC, Albasanz 26-28, 28037 Madrid, Espanha (marta.moreno@cchs.csic.es).

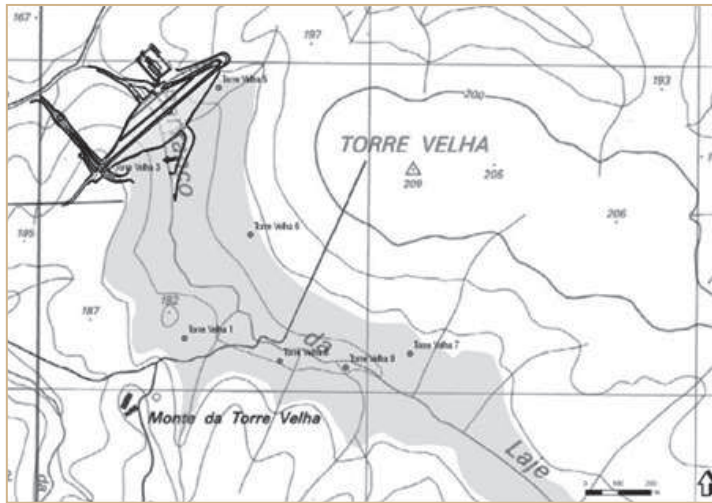


Figura 1 – Localização da área de intervenção, com referência à infra-estrutura da Barragem da Laje, na Carta Militar 1:25 000, folha número 523 (Fonte EDIA).



Figura 2 – Levantamento topográfico da área da intervenção com a implantação dos contextos arqueológicos da Pré-história recente.

dos seus afluentes como, por exemplo, a Ribeira do Enxoé e pelos relevos residuais da Serra de Ficalho (AAVV, 2002: 87), constituída por rochas duras, calcários cristalinos e dolomitos, frequentemente atravessados por veios de quartzo (FEIO, 1992: 12 – 13). Torre Velha 3 situa-se no maciço de Beja, mais concretamente na unidade conhecida como *Pórfiros de Baleizão*, unidade (sub) vulcânica ácida, pós-metamórfica, caracterizada pela tonalidade avermelhada dos afloramentos. Na zona imediatamente a Oeste de Torre Velha 3 dá-se a transição para uma outra unidade geológica do maciço de Beja, o *Complexo Gabrodiorítico de Cuba*, formação que aflora de um modo descontínuo e que comporta um conjunto complexo e heterogéneo de litologias que vão dos gabros aos granófiros, parecendo dominar os dioritos (PIÇARRA, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 1992: 29). Nas proximidades deste sítio arqueológico localizam-se alguns braços de água, sendo que o Barranco da Laje corre entre a elevação onde se localiza o sítio de Torre Velha 5 e a elevação onde se localiza Torre Velha 3, contornando-a pelas vertentes Nascente e Norte. A cerca de 3 km a Leste encontra-se o Barranco do Franco que tal como o Barranco da Laje, é uma linha de água subsidiária da Ribeira do Enxoé, que por sua vez desagua no rio Guadiana.

A área intervencionada totaliza 13.996m² e corresponde à área afectada directamente pela infra-estrutura da barragem. A intervenção permitiu conhecer contextos arqueológicos datados do Calcolítico, da Idade do Bronze, da Idade do Ferro, da Antiguidade Tardia e da Época Islâmica, num total de 589 evidências, a grande maioria referente a estruturas negativas relacionadas com actividades de apoio aos diferentes núcleos habitacionais (Figura 2).

Importa referir que alguns dos dados a seguir apresentados encontram-se ainda em fase de investigação e como tal assumem um cariz preliminar.

Contextos do Calcolítico⁵⁷

De cronologia calcolítica identificámos oito estruturas escavadas no substrato geológico com diferentes morfologias e funcionalidades: duas estruturas do tipo silo/fossa, uma possível fossa inacabada ou destruída pelas ocupações posteriores e cinco fossas com utilização sepulcral. Destas, quatro apresentavam secção rectangular e base aplanada. A restante, estrutura [2190], estava reduzida quase à sua base, não se conservando mais do que 15cm do seu perfil. As inunicações registadas são individuais, exceptuando a estrutura [2340] onde se identificou um ossário [2173], e dois níveis de enterramento, [1900] e [2177], intercalados entre si por deposições de sedimento. Estes enterramentos foram reali-

⁵⁷ Este artigo foi preparado para publicação em Fevereiro de 2010, tendo conhecido uma actualização pontual em Novembro de 2013. Entre uma e outra datas, foram elaborados outros estudos para determinados aspectos das ocupações pré-históricas de Torre Velha 3, entretanto publicados (ALVES et alii, 2010; ALVES et alii, 2012; FRADE et alii, 2014; PEREIRO et alii, 2013; PORFÍRIO e SERRA, 2010; PORFÍRIO et alii, 2013). Os dados e as leituras aqui reproduzidos deverão por estas razões ser lidos à luz da sua data de elaboração.

zados em posição fetal, tendo os corpos sido dispostos junto à parede da estrutura. O mesmo padrão deposicional foi seguido nas estruturas [2190], [2205] e [2411]. No primeiro e terceiro casos, os indivíduos [2113] e [2336], respectivamente, foram dispostos em posição fetal, enquanto no segundo caso, o esqueleto [1998=2155] foi colocado em decúbito dorsal. Por seu turno, na estrutura [2273] identificou-se a inumação [2015] depositada numa zona relativamente central e em decúbito lateral direito (Figura 3).

Exceptuando o indivíduo [2113] que foi inumado com duas lâminas de sílex com retoque marginal e perfil incompleto que exibiam traços de utilização, todos os restantes enterramentos primam pela ausência de dádivas funerárias.

Nas estruturas, sobre os enterramentos [1998-2155] e [2015], foram identificados conjuntos de pedras de pequeno e médio calibre formando um anel, estéreis em espólio arqueológico, não sendo claro se estariam a delimitar os enterramentos. Estas características assemelham-se às documentadas noutros sítios calcolíticos, como por exemplo, nos grandes povoados andaluzes de Valencina de la Concepción (JIMENÉZ, 2004) e do Polideportivo de Martos – Jaén (LIZCANO *et alii*, 1993).

O espólio proveniente dos enchimentos destas estruturas negativas é constituído por um conjunto significativo de materiais cerâmicos, de que destacamos a presença expressiva de recipientes lisos, principalmente taças carenadas, a quase ausência de pratos e de formas espessadas, e a fraca presença de elementos de tear, que surgem apenas numa forma: placas ovaladas com uma perfuração em cada extremidade. A percentagem de elementos líticos é muito diminuta, sendo os materiais classificáveis exclusivamente de pedra polida: duas enxós, um martelo em anfibolito verde-escuro e cinco moventes de granito. Em pedra lascada apenas se registaram duas lâminas de sílex que constituíam o espólio do enterramento [2113], algumas lascas e fragmentos de núcleos. Se exceptuarmos o sílex que é exógeno a esta região, a esmagadora maioria das matérias-primas seleccionadas para esta indústria lítica encontram-se disponíveis localmente, na envolveria do próprio sítio ou a escassos quilómetros.

Contextos da Idade do Bronze

As estruturas do tipo silo/fossa⁵⁸ são as mais frequentes, assistindo-se a um predomínio dos perfis em “U” e em rectângulo com potências estratigráficas conservadas que excedem os 100 cm. No que respeita a este tipo de estruturas merece especial destaque o conjunto de líticos provenientes do silo/fossa [1722]. Trata-se de uma estrutura que continha nos seus enchimentos uma diversidade de utensílios e restos líticos decorrentes do processo de debitagem, em quantidade e em representação das várias etapas deste ciclo e que, enquanto micro-realidade e possível micro-espço de talhe foi já abordado em artigo próprio (PEREIRO *et alii*, 2013). Registámos, ainda, cinco silos/fossas que considerámos inacabados ou destruídos e algumas interfaces negativas que poderão corresponder, embora com ressalvas, a fundos de cabana.

No que se refere ao mundo funerário, verifica-se que para além de hipogeus, foram utilizadas enquanto espaço funerário quatro interfaces negativas do tipo fossa⁵⁹, cada uma com um ou mais episódios de inumação, totalizando sete esqueletos⁶⁰. Numa única situação, foi realizada uma inumação num nicho ou gaveta, de planta rectangular e escavado na parede de uma antecâmara ou átrio em “poço”⁶¹.



Figura 3 – Enterramento [2015] de cronologia calcolítica.

⁵⁸ Silo/fossa: estrutura negativa que, presumivelmente, terá conhecido dois momentos de utilização, um original e primário enquanto contentor de alimentos sólidos ou líquidos (silo) e um posterior e secundário, enquanto lixeira ou fossa.

⁵⁹ Esta designação refere-se em exclusivo a estruturas negativas de contorno circular no interior da qual se realizou uma ou mais inumações funerárias.

⁶⁰ Apesar de em publicações anteriores (ALVES *et alii* 2010 e 2012; PORFÍRIO e SERRA 2010) se referir a existência de sete estruturas de tipo fossa com utilização funerária da Idade do Bronze, a realização de datações de radiocarbono (a publicar brevemente) a três enterramentos permitiu verificar que estes datam, na realidade, do período Calcolítico.

⁶¹ Trata-se de uma antecâmara funerária de planta circular e perfil em “U”, facilmente confundível com uma estrutura do tipo silo/fossa, daí a diferenciação.



Figura 4 – Enterramento duplo [830] e [831] datado da Idade do Bronze.

Relativamente às inumações em fossa, e exceptuando um único caso, os indivíduos encontravam-se sepultados em posição fetal e estavam em muito mau estado de preservação, fosse pelas ausências anatómicas, fosse pela deterioração dos ossos exumados. Apenas numa situação o indivíduo era acompanhado por recipientes cerâmicos interpretados como ofertas fúnebres.

Foram ainda registadas em duas fossas inumações duplas. Destacamos os esqueletos [830] e [831] (Figura 4), que se encontravam em decúbito ventral, abraçados pelas costas, de faces voltadas um para o outro e que se orientavam no sentido Sudeste-Noroeste.

Os membros inferiores, um dos superiores de cada indivíduo, coluna e vértebras não foram detectados, sendo que os restantes restos osteológicos exumados estavam em perfei-

ta conexão anatómica e em relativo bom estado de preservação, sugerindo, assim, um ritual de manuseamento de ossadas. Sob e entre o tronco dos esqueletos foi escavado um sedimento vermelho que análises laboratoriais confirmaram ser ocre e como tal vestígio de uma acção ritual efectuada imediatamente antes da deposição dos corpos. Foi ainda identificada uma taça carenada colocada sob os crânios dos indivíduos, e um vaso fragmentado na extremidade oposta da estrutura.

Esta fossa tem a particularidade de os dois primeiros depósitos de enchimento serem totalmente estéreis e de uma das unidades estratigráficas que antecede a colocação das inumações estar repleta de materiais arqueológicos, dos quais destacamos oito denticulados, todos com brilho de cereal e seis taças carenadas. Após o acto sepulcral é depositado um conjunto de pedras de médio calibre, como que selando o espaço fúnebre. Os restantes sedimentos que colmatam a fossa contam com uma quase ausência de materiais arqueológicos, sugerindo uma rápida e intencional amortização da estrutura.

Num contexto extremamente violado pela acção de corte de duas estruturas tipo silos/fossas cronologicamente atribuíveis à Antiguidade Tardia, detectou-se a única estrutura funerária com antecâmara em “poço” conjugada com um nicho lateral ou “gaveta”. O “poço” apresentava um perfil em “U” com cerca de 120 cm de potência estratigráfica e fundo ligeiramente côncavo. Esta antecâmara daria acesso ao sepulcro escavado na sua parede Sudoeste, de paredes direitas e fundo aplanado. O indivíduo sepultado, infantil, estava colocado em posição fetal e frente virada para a entrada do nicho, não possuía redução ou ossário, nem oferendas funerárias e estava em muito mau estado de preservação. O sepulcro foi preenchido por um sedimento muito argiloso e rígido, de tonalidade castanha, grão médio e estéril do ponto de vista arqueológico e a antecâmara foi extraordinariamente afectada pelo corte de duas interfaces tardo-antigas do tipo silo/fossa. Por ser caso único identificado na área escavada, não temos elementos de comparação para uma análise mais pormenorizada, o que não invalida a hipótese de existirem outras estruturas em “gaveta” na área não afectada pela infra-estrutura.

Os hipogeus identificados, a par da estrutura com nicho ou “gaveta”, parecem ter sido as únicas interfaces concebidas e utilizadas com fins exclusivamente funerários. Em Torre Velha 3 foram identificados 25 hipogeus, não se descartando a possibilidade de terem existido muitos mais, dadas as destruições e afectações das ocupações posteriores. Apesar destes constrangimentos, foi possível verificar que cada um dos hipogeus apresentava particularidades, fosse na morfologia da interface negativa, na tipologia das inumações, na constituição do espólio, ou mesmo, ao nível da formação sedimentológica. Refira-se, no entanto, que estas particularidades não inviabilizam a percepção de que na origem tenha existido uma normalização do ponto de vista do planeamento arquitectónico destes monumentos. Assim, em todos eles existe uma antecâmara (que pensamos tratar-se de uma área sem tecto, onde eventualmente decorreriam rituais de comensalidade) e uma câmara (em gruta artificial). As interfaces eram escavadas no substrato geológico e, na grande maioria dos casos, atendendo ao desnível altimétrico nas bases, a comunicação entre ambas era realizada através de uma rampa, existindo apenas três casos em que a solução adoptada se traduziu num escalonamento ou degrau (Figura 5). Por outro lado, é comum a condenação do espaço fúnebre mediante a colocação na vertical de um robusto conjunto de elementos litológicos (ALVES *et alii*, 2014). Resta salientar que em treze destes casos identificados se recorreu à utilização de uma argila muito rígida e de grão grosseiro, que preenchia e, de algum modo, impermeabilizava, os espaços vazios entre os blocos pétreos. Em dois casos já analisados, hipogeus [1489] - [1490] e [1712] - [1713], verificou-se que à argila foi adicionada uma mistura de cera de abelha e própolis conferindo propriedade hidrófugas a esta selagem (Figura 6) (FRADE *et alii*, 2014). Idêntica situação foi identificada



Figura 5 – Um dos exemplares mais completos das estruturas funerárias do tipo hipogeu.



Figura 6 – Um dos exemplares de fecho de câmara funerária pela utilização de grandes blocos pétreos colocados verticalmente e argila ligante.

para um hipogeu da Horta do Folgão, enquanto na cista da Herdade dos Montinhos foi utilizada uma mistura de argila com gordura de animal, provavelmente de porco, para selar a tampa da sepultura (FRADE et alii, no prelo e RIBEIRO e SOARES, 1991).

A regularidade morfológica das câmaras funerárias de características ovais, bases planas e paredes tendencialmente côncavas contrasta com a multiplicidade de variantes formais das antecâmaras, sendo que a opção pela construção de um átrio quadrangular é superior às restantes, ainda que a diferença desta para as de forma rectangular seja apenas de três unidades. Destaque-se, ainda, a variabilidade dentro dos exemplares rectangulares podendo ter um acesso directo ao sepulcro a partir da entrada⁶² da antecâmara ou um acesso em “L” invertido com a câmara aberta numa das suas paredes laterais (Figura 7). Registaram-se, igualmente, quatro exemplares de antecâmaras ovaladas, algumas algo irregulares e dois casos de antecâmara em “poço”, sendo que num não foi identificado espólio nem restos osteológicos, apenas pedra de fecho e argila ligante. Em dois casos não foi possível apurar a morfologia da antecâmara dos hipogeus, dada a posterior destruição provocada por estruturas negativas datadas da Antiguidade Tardia.

Quadrangular	Rectangular	Rectangular	Ovaladas	em "poço"
10	5	2	4	2

Figura 7 – Tabela tipológica dos hipogeus de Torre Velha 3.

A análise feita sobre a orientação de cada monumento sugere a ausência de um qualquer pressuposto padronizador, ou seja, a implantação individual das sepulturas ter-se-á regido por critérios de ordem meramente prática, aparentemente sem qualquer espécie de significado ritual. No entanto, a observação do conjunto coloca algumas possibilidades na organização da necrópole. A ausência de critério na orientação de cada hipogeu não invalida uma intencionalidade na implantação das estruturas, que aparentemente se associam na criação de um espaço funerário coevo e coerente. Esta observação é facilmente constatada pela dispersão destes monumentos, que criam dois “arcos”, cujas aberturas estão separadas por alguns metros e que parecem relacionar-se, pois convergem na mesma direcção. Assim, o “arco” mais a Norte encontra-se aberto a Sudoeste e o mais a Sul possui abertura a Norte. Convém no entanto referir a importância decorrente da constatação de que na zona entre “arcos” se concentra um dos grandes e densos núcleos de

⁶² Definido com base no desnível da antecâmara.

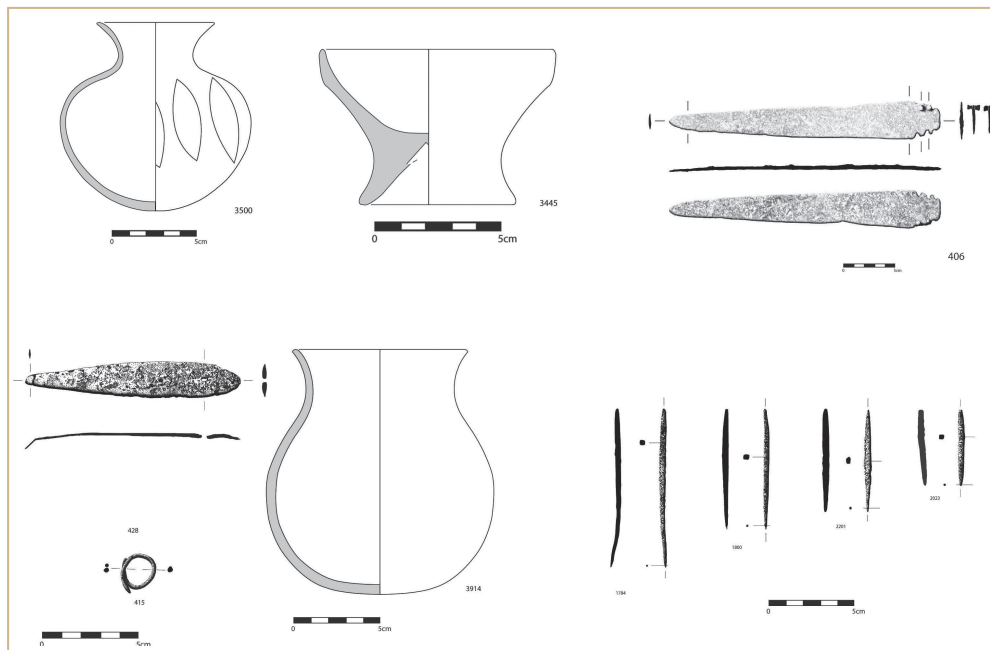


Figura 8 – Amostra do espólio ofertado em contexto de hipogeu. Tintagens: Edgar Lopes.

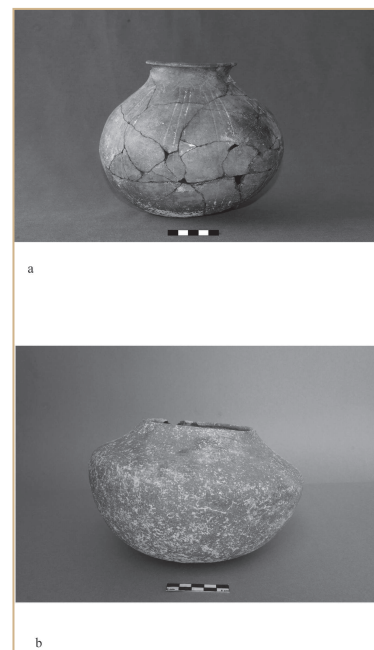


Figura 9 – Amostra do espólio em contexto funerário de hipogeu. 9a – garrafa com decoração pintada (setas verticais); 9b – forma 6 (Schubart, 2004). Fotografias: Rui Clemente.

estruturas negativas e positivas de cronologias tardo - antigas potencialmente destruidoras dos contextos pré-históricos que obstruem assim a percepção da necrópole.

Do interior destes sepulcros exumaram-se 23 esqueletos; 5 reduções e 2 registos de ossos isolados. O espólio ofertado, num total de 48 oferendas funerárias, era composto por artefactos em cerâmica e metal, (Figuras 8 e 9) por oferendas cárneas, contas de colar e artefactos em osso.

No que respeita aos restos osteológicos humanos estes serão oportunamente publicados, pelo que de momento não nos prestaremos a considerações antropológicas. De referir apenas, que todos os indivíduos terão sido colocados em posição fetal, excepção feita a um inumado colocado em decúbito dorsal e com os membros inferiores flectidos.

Quatro dos monumentos não possuíam vestígios de inumações, situação que poderá dever-se a razões tão distintas como a destruição da área dos sepulcros, fenómenos pós-depositacionais ou, eventualmente, episódios de manuseamento de ossadas. Das 19 inumações singulares identificadas, uma foi colocada na antecâmara, apenas 5 possuíam episódios de redução, realizados na câmara, e em duas câmaras foram observadas inumações duplas, junto a reduções.

Relativamente à orientação dos esqueletos, tal como acontece com a orientação dos hipogeus, parece não existir qualquer tipo de uniformidade.

A variabilidade de morfologias dos monumentos, do tipo de inumações e respectivo espólio é um facto, pelo que, e dada a brevidade da exposição, enunciaremos com algum pormenor apenas dois dos casos registados.

O hipogeu [1662]⁶³ – [1664]⁶⁴ destaca-se por vários motivos, nomeadamente por possuir na sua antecâmara um enterramento humano, [1361]. Trata-se de um indivíduo adulto, de sexo indeterminado, depositado em decúbito lateral esquerdo, orientado de Nordeste para Sudoeste e sem qualquer espólio funerário associado. Esta estrutura apresentava uma planta de morfologia circular, de perfil em “U”, tipologicamente inserida no âmbito das antecâmaras em “poço” e possuía ligação com a câmara, escavada na sua parede Oeste, através de um pequeno ressalto no solo original.

⁶³ Antecâmara funerária.

⁶⁴ Câmara funerária.

⁶⁵ Indivíduo colocado na câmara funerária.

Na câmara, por seu turno, foi inumado, junto a uma redução, um indivíduo não adulto, este sim com um interessante espólio associado. Trata-se de uma taça (Figura 8, nº inventário 3445) correspondente à forma 7 argárica (SCHUBART, 2004) e uma oferenda cárnea a partir da qual foi determinada a data Beta 262199 3300 +/- 40 BP (ALVES et alii, 2010: 146). Relacionar temporalmente a inumação de ambos os indivíduos é complexo. Aparentemente, o sedimento que cobre directamente o indivíduo [1534]⁶⁶ e que se estende à antecâmara é ali depositado já após o inumado [1361] ter sido coberto por um outro depósito. No entanto, existe a possibilidade de [1534] se ter decomposto em espaço aberto (ambiente oxigenado), sendo que só após a deposição de [1361] ambos os esqueletos terão sido cobertos por sedimentos e os espaços funerários selados (FERREIRA, 2009).

Esta estrutura partilha com as demais a selagem da câmara funerária com blocos pétreos, erguidos verticalmente e encontra-se entre os monumentos que apenas foram afectados/destruídos por uma qualquer acção de época moderno/contemporânea.

O hipogeu [1949] – [1950] encontrava-se muito destruído pelos contextos da I Idade do Ferro (ESTRELA et alii, 2012, p. 239; ANTUNES *et alii* no prelo) ainda que estes apenas tenham afectado a estrutura em si, já que o enterramento e o espólio funerário que o acompanhava se encontravam intactos. Foi identificada atrás do crânio de um enterramento adulto feminino uma oferenda cárnea, a partir da qual foi obtida a data Sac-2490 3410 +/- 60 BP (ALVES et alii, 2010: 146). Cerca de 50 cm abaixo desta oferenda foi recolhido um punção em liga de cobre de secção quadrangular e acima do crânio um recipiente cerâmico da variante A da forma 6 de Schubart (SCHUBART, 2004) (Figura 9b). Trata-se de uma forma pouco frequente, apesar da semelhança com uma peça identificada na necrópole de Santa Justa em Serpa (SOARES, 1994, p. 180 e fig. 7.1), ainda que presente no 4º horizonte da sequência estratigráfica documentada em Fuente Álamo. Segundo alguns autores, esta forma associa-se preferencialmente a enterramentos masculinos (com armas e espólio rico) ainda que possa acompanhar inumações femininas (LULL e ESTEVEZ, 1986), tal como sucede com este enterramento. Tradicionalmente registam-se mulheres acompanhadas de punções em associação com outro tipo de recipientes cerâmicos, que não os vasos de carena alta, suave e boca estreita. Trata-se de um tipo cerâmico cuja presença funerária (ou mesmo doméstica), em território actualmente português era até ao momento, desconhecida.

Considerações

A ocupação calcolítica de Torre Velha 3 é semelhante à de outros “pequenos” sítios próximos, como Monte da Magoita 1 e 2 ou Monte das Arouchas, com estruturas escavadas na rocha, por vezes com inumações humanas no seu interior – como as documentadas na Horta da Morgadinha 2 (BAPTISTA e GOMES, 2010) e Monte de Cortes 2 e 3 (VALERA *et alii*, neste volume). Estes dados evidenciam que estes espaços eram ocupados por sociedades agro-pastoris relativamente estáveis e contribuem para alterar o vazio regional que ainda se faz sentir para esta cronologia.

As práticas funerárias da primeira metade do II milénio a.C. da margem esquerda do Guadiana sugerem, cada vez mais, uma multiplicidade de opções e variações. Esta heterogeneidade combina num mesmo espaço funerário estruturas de diferentes morfologias (fossas e hipogeus), com rituais e espólio qualitativa e quantitativamente diversificados e exige uma revisão do Bronze Pleno do Sul do actual território português. Mantém-se complicado efectuar paralelismos regionais, dado o actual estado de conhecimentos. No entanto, a variedade formal dos monumentos e das dádivas funerárias afirmam-se cada vez mais como características transversais ao que se convencionou como o Bronze do Sudoeste peninsular.

Nos anos 70 do século passado e num mundo conhecido essencialmente por cistas (SOARES, 1994) o monumento de Belmeque (Vale Vargo, Serpa) (SCHUBART, 1971 e SOARES, 1994) veio revelar um tipo de sepulcro e rituais funerários, regionalmente exógenos, cujos paralelos mais próximos o conectavam, na opinião do segundo autor, com o mundo argárico da região de Almería. Ora a grande novidade registada em Torre Velha 3, bem como noutros sítios



Figura 10 – Enterramento [2051] com espólio funerário metálico e cerâmico [2052] e oferenda cárnea [2053].

⁶⁶ Indivíduo colocado na câmara funerária.

posteriormente escavados no Baixo Alentejo no âmbito das intervenções decorrentes das obras do Projecto de Alqueva, refere-se a um grande conjunto destes sepulcros – hipogeu, com semelhanças no Bronze Pleno na sepultura 95 de Fuente Álamo (SCHUBART *et alii*, 1989).

À semelhança do que sucede nos rituais de enterramento das sociedades argáricas, em Torre Velha 3 foram identificados vestígios de sacrifício e consumo de espécies, maioritariamente bovinas (ALVES *et alii*, 2010). Estas surgiam isoladamente ou em associações diversas a outro tipo de espólio cerâmico e metálico, sem qualquer tipo de padronização (Figura 10). Este fenómeno reflecte rituais de comensalidade e sugere uma alternativa material às diferentes classes sociais. Considera-se que o consumo de alimentos contribuiria para a afirmação de um sentido de sociedade (ARANDA JIMÉNEZ e ESQUIVEL GUERRERO, 2006) e aparenta ser um acto ritual/simbólico recorrente numa associação dominante às estruturas funerárias do tipo hipogeu.

A variabilidade visível nas presenças e combinações entre tipos de materiais ofertados pode ter conotações sócio-ideológicas ou mesmo políticas, como parece ser o caso do enterramento [1570], porventura pertencente a uma classe dominante da sociedade ali sepultada, atendendo à riqueza e diversidade do espólio que o acompanhava: três recipientes cerâmicos, uma oferenda cárnea e o único punhal identificado no local, com seis rebites em liga de cobre. Ainda dentro deste tema, resta referir, que em associação com um outro enterramento foi detectada a presença de um colar de contas, em que dois dos seus elementos constituintes aparentam tratar-se de folhas em liga de prata trabalhadas, com base nas suas características e aspecto resultante do processo de oxidação (PORFÍRIO *et alii*, 2013). A raridade atribuída a este tipo de material poderá colocar este indivíduo num lugar de destaque dentro da sociedade em que vivia.

Consideramos que, sem ferir a individualidade do Bronze do Sudoeste, e como uma possível linha de investigação, será pertinente averiguar possíveis contactos com o mundo argárico, ainda que este seja uma realidade muito peculiar. Estes novos contextos comungam com o mundo funerário da região de Almeria as formas cerâmicas dos tipos 6 e 7, (sendo que para a forma 7 não se conhecem paralelos no actual território português) e a padronização do sacrifício de espécies, nomeadamente bovinos, representativos de rituais de comensalidade através da introdução de peças cárneas nos sepulcros.

O sítio proporcionou-nos, igualmente, um conjunto de cerca de 100 estruturas negativas de cariz doméstico deste mesmo espectro cronológico, cuja análise dos materiais exumados, ainda que preliminar, permite perceber a diferença entre a tipologia dos recipientes ofertados em contexto fúnebre e os recuperados do interior destes contextos domésticos. Neste sentido verificamos, igualmente, que as matrizes decorativas detectadas nos recipientes ofertados não têm paralelos nos restantes contextos. (ver figura 9a) Já as formas de tratamento das superfícies registam uma paridade, uma vez que, quer nos contextos funerários, quer nos contextos domésticos detectámos recipientes com brunidos muito espessos e de muito boa qualidade, à semelhança do que sucede no povoado e necrópole de Fuente Álamo.

Por todos os dados aqui sucintamente apresentados, Torre Velha 3 revela-se, no âmbito dos contextos fúnebres e domésticos datados do Bronze Pleno do Sudoeste, um sítio de relevo, lançando uma nova perspectiva sobre a arqueologia regional e alterando o que se conhece para o Bronze do Sudoeste Peninsular, para o qual se recomenda um estudo integrado e pormenorizado.

Bibliografia

- AAVV, (2002) - *Contributos para a identificação e caracterização da Paisagem em Portugal Continental* – Grupos de unidades de paisagem – Alentejo Central a Algarve, Coleção Estudos 10. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. Vol. V.
- ALVES, C; COSTEIRA, C; ESTRELA, S; PORFÍRIO, E; SERRA, M; SOARES, A. M. S; MORENO-GARCÍA, M. (2010) – Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa, Portugal). O Sudoeste no Sudoeste?!. *Zephyrus*, LXVI, pp. 133-153.
- ALVES, C; COSTEIRA, C; ESTRELA, S; PORFÍRIO, E; SERRA, M. (2012) – Torre Velha 3 – dados preliminares. *Al-madan Online*, 2ª série, n.º 17, tomo 1, pp. 31-38.
- ANTUNES, A.S; DEUS, M; ESTRELA, S; LARRAZABAL, J; SOARES, A. M. e SALVADOR MATEOS, R. (no prelo) - Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2, Sala 3 e Torre Velha 3: contextos da planície da Idade do Ferro do Alentejo Interior. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.), *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. e ESQUIVEL GUERRERO, J. A. (2006) – Ritual funerario y comensalidad en las sociedades de la Edad del Bronce del Sureste peninsular: la Cultura de El Argar. *Trabajos de Prehistoria*, 63:2, pp. 117-133.
- BAPTISTA, L. E GOMES, S. (2010) – *Bloco de Rega de Brinches – Enxoé. Intervenção arqueológica na Horta da Morgadinha. Relatório final*. [Policopiado].
- ESTRELA, S, COSTEIRA, C; ALVES, C; PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2012) - Torre Velha 3: um novo ponto no mapa da Idade do Ferro do Sudoeste. Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Almodôvar, 18 a 20 de Novembro de 2010. Almodôvar: Câmara Municipal de Almodôvar. pp. 235-268.
- FEIO, M. (1992) – Geomorfologia. In OLIVEIRA, J. T. (coord.) – Carta Geológica de Portugal. Escala 1/200000. Notícia explicativa da Folha 8. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. pp. 11- 14.
- FERREIRA, M. T. (2009) – *Torre Velha 3 (Barragem da Laje, Serpa). Relatório dos trabalhos de Antropologia biológica desenvolvidos no âmbito da minimização de impactos no sítio da Torre Velha 3*. [Policopiado].
- FRADE, J. C.; SOARES, A. M. M.; CANDEIAS, A.; RIBEIRO, M. I. M.; PONTE, T. N. da; SERRA, M. e PORFÍRIO, E. 2014 – Beeswax and propolis as sealants of funerary chambers during the Middle Bronze Age in the South-Western Iberian Peninsula. *Proceedings of the 39th International Symposium for Archaeometry*. Leuven, pp. 141-145.
- JIMENEZ, J. (2004) – *Carta Arqueológica Municipal de la Valencina de la Concepción*. Arqueología Monografías. Sevilla: Junta de Andalucía.
- LIZCANO, R.; GOMEZ, E; CAMARA, J.A; AGUAYO, M.; ARAQUE, D.; BELLIDO, I.; CONTRERAS, L.; HERNANDEZ, M.; IZQUIERDO, M. e RUIZ, J. (1993) – 1ª campanha de escavação de urgência en el Pabellon Polideportivo de Martos (Jaén). *Anuario arqueológico de Andalucía, 1991*. Sevilla: Junta de Andalucía. III, pp. 278-290.
- LULL, V. e ESTEVEZ, J. (1986) – Propuesta metodológica para el estudio de las necrópolis argáricas. *Actas del Congreso “Homenaje a Luis Siret (1934-1984)”*, Junta de Andalucía, Consejería de Cultura. Sevilla, pp. 235 – 264.
- PEREIRO, T. do; ESTRELA, S.; PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2013) – Torre Velha 3 (Serpa): dados preliminares do estudo de pedra lascada. O caso da estrutura negativa [1722]. *Arqueologia e História*, 62-63, pp. 51-63.
- PIÇARRA, J. M ; OLIVEIRA, V. e OLIVEIRA, J. T. (1992) – Paleozóico. In OLIVEIRA, J. T. (coord.) – Carta Geológica de Portugal. Escala 1/200000. Notícia explicativa da Folha 8. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- PORFÍRIO, E. SERRA, M. (2010) – Rituais funerários e comensalidade no Bronze do Sudoeste da Península Ibérica: novos dados a partir de uma intervenção arqueológica no sítio da Torre Velha 3 (Serpa). *Estudos do Quaternário*, 6, pp. 49-66.
- PORFÍRIO, E.; SERRA, M.; VALÉRIO, P.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. de F.; SILVA, R. J. C. (2013) – Os metais da Idade do Bronze de Torre Velha 3 e os seus contextos arqueológicos. *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 563-571.
- RIBEIRO, M. I. M. e SOARES, A. M. M. (1991) – A sepultura do Bronze do Sudoeste da Herdade do Montinho (Vale de Vargo, Serpa). Aplicação de alguns métodos instrumentais de análise química a um problema arqueológico. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, pp. 287-298.
- SCHUBART, H. (1971) – Acerca de la cerámica del Bronce Tardío en el Sur y Oeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, 28, pp. 153-182.
- SCHUBART, H. (2004) – La cerámica argárica en la estratigrafía de Fuente Álamo. Campañas de 1977-1982. *SPAL*, 13, pp. 35-82.
- SCHUBART, H., ARTEAGA, O e PINGEL, V. (1989) – Fuente Álamo. Vorbericht über die Grabung 1988 in der bronzezeit lichen Höhensiedlung. *Madriider Mitteilungen* 30. Mainz: DAI, pp. 85-90.
- SOARES, A. M. M. (1994) – O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa. *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 2, pp. 179-197.
- VALERA, A; GODINHO, R.; CALVO, E.; MORO, F.; FILIPE, V. E SANTOS, H. (neste volume) – Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa).